



Jornal do Simesp

Nº 02 • Publicação mensal do SIMESP Sindicato dos Médicos de São Paulo • Julho | 2015

Pág. 3

Crise na saúde de São Paulo provoca greves de residentes

Categoria paralisou atividades nos hospitais Heliópolis e São Paulo. Mobilização foi motivada pelas dificuldades nas condições de trabalho e em defesa da qualidade na formação médica



Pág. 4

Debate

Qual o impacto da ampliação do número de mulheres atuando na medicina? O Simesp promoveu discussão do tema com Lilia Blima e Mário Scheffer

Pág. 5

Campanha Salarial

Médicos do setor privado aprovam pauta de reivindicações. Eles querem 10% de aumento real, piso de R\$ 13 mil e ampliação da licença maternidade

Pág. 6

Aposentadoria

Conheça as novas regras para a aposentadoria. A fórmula 85/95 é uma alternativa para afastar do cálculo o temível fator previdenciário

Nas adversidades, conte com o Simesp

Diretoria do Simesp

A crise de financiamento e de gestão que acomete diversos serviços de saúde em nosso estado gerou, nas últimas semanas, reações dos médicos. Os residentes do Hospital Heliópolis denunciaram a falta de anestesiológicos no serviço com consequente queda no número de procedimentos. Por recursos humanos insuficientes, a capacidade instalada não vinha sendo utilizada em sua plenitude, com prejuízos óbvios na assistência e na formação.

No Hospital São Paulo, partiu também dos médicos residentes denúncia de falta de insumos e materiais, que vinham comprometendo a qualidade do atendimento, além do bloqueio de leitos de internação que resultou em superlotação do pronto-socorro e sobrecarga dos plantonistas.

Em ambos os casos os movimentos objetivaram dar ciência à sociedade sobre as condições precárias em que esses serviços se encontram e reivindicar, aos respectivos gestores, soluções. A posição firme dos colegas, que culminou em greve em ambos os hospitais, mereceu apoio do Simesp, como exemplo de cidadania. A ação deve ser replicada em cada serviço onde as melhores condições de

trabalho e atenção à população não forem verificadas.

Em Lençóis Paulista, no interior do estado, os médicos também enfrentaram uma situação de corte de recursos que resultou em atraso de seus vencimentos em mais de dois meses. Após paralisação de algumas horas, foram conquistados o pagamento dos atrasados e a abertura de negociação para regularização dos contratos de trabalho.

Em tempos de contingenciamento de financiamento (que já era insuficiente), os direitos sociais são ameaçados, os cortes de fundos na saúde podem agudizar situações que já não eram das melhores. Aos colegas, médicos de São Paulo, que se assegurem de que poderão contar com o seu Sindicato para enfrentar essas adversidades, seja por meio da negociação com os gestores responsáveis pelo serviço, da participação nas Conferências e Conselhos de Saúde e por denúncias pelos meios de comunicação.

O Simesp também conta com os colegas para fortalecerem os movimentos que já estão acontecendo, como a mobilização da campanha salarial do setor privado, e outros que estão por vir.



“Aumentar os impostos sobre os produtos do tabaco é uma das maneiras mais eficazes - e de baixo custo - para reduzir o consumo de produtos que matam”

*Margaret Chan, diretora geral da OMS, no site da Organização Pan-Americana da Saúde
7 de julho*

“O câncer é um desafio global e deverá tomar proporções epidêmicas nos próximos anos. Em 2030, vai superar a mortalidade por doenças cardiovasculares”

*Carlos Barrios, oncologista e professor da PUC-RS, durante o Fórum Estadão-Saúde
23 de junho*

“Maioridade penal: a violência já é uma das marcas do Brasil. Estão adicionando um poderoso combustível a essa violência.

Aguardem”

*Joaquim Barbosa, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal (STF), em sua página do Twitter
30 de junho*



SIMESP
SINDICATO DOS MÉDICOS DE SÃO PAULO

DIRETORIA

Presidente
Eder Gatti Fernandes
relacionamento@simesp.org.br

SECRETARIAS

Geral
Denize Ornelas P. S. de Oliveira
Comunicação e Imprensa
Gerson S. Salvador de Oliveira
Administração
Ederli M. A. Grimaldi de Carvalho
Finanças
Juliana Salles de Carvalho
Assuntos Jurídicos
Gerson Mazzucato
Formação Sindical e Sindicalização
Marly A. L. Alonso Mazzucato
Relações do Trabalho
José Erivalder Guimarães de Oliveira
Relações Sindicais e Associativas
Otelo Chino Júnior

EQUIPE DO JORNAL DO SIMESP

Diretor responsável
Gerson S. Salvador de Oliveira
Editora-chefe e redação
Ivone Silva
Reportagem e revisão
Leonardo Gomes Nogueira
Nádia Machado
Fotos
Osmar Bustos
Assistente de comunicação
Juliana Carla Ponceano Moreira
Ilustração
Célio Luigi
Charge
Marcio Baraldi

Redação e administração

Rua Maria Paula, 78, 3º andar
01319-000 - SP - Fone: (11) 3292-9147
imprensa@simesp.org.br
www.simesp.org.br

PROJETO GRÁFICO

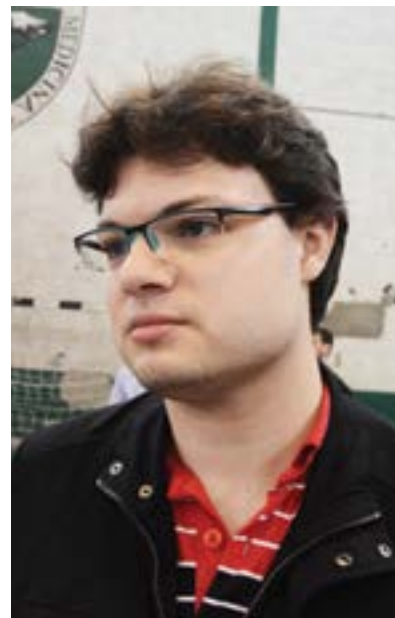
Med Idea - Design para médicos
Oscar Freire, 2189, Pinheiros
São Paulo/SP 05409-011
Fone: (11) 99897-8787
contato@medidea.com.br
www.medidea.com.br
Editor de Arte e diagramação
Igor Bittencourt

Tiragem: 14 mil exemplares
Circulação: Estado de São Paulo

Residentes param em defesa da saúde

Faltam especialistas, equipamentos e medicamentos nos hospitais de São Paulo

Leonardo Gomes Nogueira



> Assembleia, no dia 29 de junho, decide pela continuidade da greve. Vinicius Paranaíba: “paralisação era necessária e em defesa do bem comum”

Doze dias após o fim da greve dos residentes do Hospital Heliópolis teve início, em 23 de junho, uma paralisação ainda maior: a dos residentes do Hospital São Paulo, que durou 11 dias. O primeiro é comandado pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. O segundo, subordinado ao governo federal, é o hospital universitário da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Os médicos do Hospital São Paulo suspenderam a paralisação no dia 3 de julho, permanecendo, no entanto, em estado de greve. O motivo da pausa é a abertura por parte do conselho gestor às negociações, além da garantia de que os equipamentos parados voltarão a funcionar e de que os estoques de medicamentos serão normalizados.

Outro avanço foi o repasse de 6 milhões do Ministério da Saúde, anunciado no dia 2 de julho. A verba faz parte do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (Rehuf). Para o secretário de Relações Sindicais do Simesp, Otelo Chino Júnior,

o montante não resolve as principais demandas do hospital.

A Secretaria Estadual da Saúde também havia anunciado anteriormente repasse emergencial de 3 milhões ao hospital São Paulo, suspendendo o corte de 10% da verba.

Segundo o presidente da Associação dos Médicos Residentes da Escola Paulista de Medicina (Amerepam), Klaus Nunes Ficher, suspender a greve não é sinônimo de término das mobilizações. “Não vamos tolerar que pacientes fiquem nos corredores. Nosso estado de greve é um alerta para que os gestores do hospital assumam suas responsabilidades”, informa.

Já Diego Garcia, presidente da Associação dos Médicos Residentes do Estado de São Paulo (Ameresp), avalia que o objetivo inicial do movimento foi alcançado: “Conseguimos chamar atenção, sinalizar que o Hospital São Paulo está à beira do colapso”.

Condições de trabalho

A greve do Hospital São Paulo foi motivada pelas crescentes dificuldades nas condições de trabalho e aprendizagem dos

seus residentes. “Garantir medicamentos e equipamentos é o mínimo para que o atendimento seja feito de maneira adequada. Conseguir que isso seja garantido pelo hospital prova que o movimento atingiu seus objetivos. Agora vamos acompanhar o andamento das ações para que as promessas sejam realmente cumpridas”, avisa Gerson Salvador, secretário de Imprensa do Sindicato.

Em um total de 3 mil médicos que trabalham no hospital, 1.100 são residentes. A paralisação no maior hospital universitário do país foi deliberada em assembleia realizada no dia 22 de junho e reuniu cerca de 300 pessoas.

Vinicius Ferreira Paranaíba, residente em ortopedia e traumatologia, relatou em carta, entre outras coisas, que o pronto-socorro do lugar “não possui condições mínimas de atendimento” e que os ambulatórios “estão lotados na grande maioria das vezes”. Para ele, a paralisação das atividades era necessária e em “defesa do bem comum”.

Em 29 de junho, a reportagem do Jornal do Simesp con-

versou com pacientes e acompanhantes que aguardavam ou já tinham passado por atendimento no Hospital São Paulo. Uma dona de casa de 44 anos, que não quis se identificar, disse que o atendimento permanecia igual. “O tratamento da minha filha continuou o mesmo, não mudou. Mesmo com a greve”, avalia. Já para Adelson da Silva Bonfim, o atendimento teve uma queda na qualidade. “Deu uma piorada. Era melhor”, afirma.

Heliópolis

A greve dos residentes do Hospital Heliópolis foi suspensa após compromisso assumido pela direção do hospital de contratar anestesiológicos, principal reivindicação da categoria. A paralisação foi motivada pela redução de 50% no número de cirurgias de média e alta complexidade nos últimos dois anos. Segundo os residentes, a redução seria pela falta desses profissionais (anestesiológicos). O hospital tem 57 residentes.

Atuação feminina

Tendência é de que, em alguns anos, mulheres representarão a maioria dos profissionais do país



> Marly Alonso, Lilia Blima e Mário Scheffer discutem feminização da medicina e o que isso representa para a saúde

“Elas mais se masculinizaram do que feminilizaram a medicina”, avalia a médica Lilia Blima Schraiber sobre o ingresso, cada vez maior, de profissionais do sexo feminino na carreira. Para a professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), ser maioria não irá significar, necessariamente, uma mudança no modo como a medicina é praticada no país.

Em 2028, médicas serão a maioria. É o que projeta o estudo “Demografia Médica no Brasil”. A pesquisa, coordenada por Mário Scheffer, estuda o perfil dos médicos do país com base, entre outros, em fatores como idade e sexo. Ela teve início em 2011 e, até o momento, foram

publicados dois relatórios (o último em 2013).

“A feminização está ocorrendo na educação e no trabalho”, diz o professor do Departamento de Medicina Preventiva da FMUSP. “Têm padrões históricos sendo alterados”, acrescenta Scheffer. Lilia Blima Schraiber e Mário Scheffer foram os convidados da 8ª edição do *Simesp Debate* (intitulado “Medicina: profissão feminina”).

Mário Scheffer apontou que as mulheres já são a maioria nas especialidades básicas. A partir dessa constatação, surge pergunta apresentada por ele na noite de 2 de julho: isso poderá trazer vantagens para um sistema de saúde orientado a partir da atenção primária?

Para a professora, há uma construção social que diz, há muito, que homens e mulheres têm papéis pré-determinados. “Há uma tradição segundo a qual o indivíduo do sexo masculino domina e predomina no espaço público”, diz. Enquanto para o sexo feminino restaria o espaço privado. “É preciso que mulheres e homens façam uma crítica dessa construção”, defende.

Igualdade

A assistente social Maria Beatriz Pires Rocha Alarcon, diretora da Confederação das Mulheres do Brasil, ratificou a grande presença de mulheres nas especialidades básicas. Ela, que também integra a Federação das Mulheres Paulistas, con-

tou que quando foi gerente de uma unidade básica de saúde, na zona sul de São Paulo, seis dos sete médicos da Estratégia Saúde da Família eram mulheres. “Nós vamos ter uma maior igualdade de gênero na medida em que nós tivermos uma maior inserção nesse espaço público”, avalia.

Já a secretária Geral do Simesp, Denize Ornelas, retomou um dado apresentado por Scheffer (o de que mulheres, em média, ganham 72,3% do que o recebido pelos homens). “Existe uma desigualdade, uma iniquidade em relação à remuneração”, lembrou. O debate foi mediado por Marly Alonso, secretária de Formação Sindical do Simesp.

Conferência Municipal SP

Discussões democráticas

Representantes do Simesp participaram da 18ª Conferência Municipal de Saúde, realizada de 22 a 24 de junho, na capital paulista. As propostas serão encaminhadas à 7ª Conferência Estadual de Saúde e à 15ª Conferência Nacional de Saúde, em julho e dezembro deste ano, respectivamente.

“A Conferência Municipal de Saúde é o fórum máximo do controle social do município. É um momento de extrema democracia, no qual usuários, trabalhadores e gestores discutem os rumos da saúde”, avalia Eder

Gatti, presidente do Simesp. Já Marly Alonso, diretora do Sindicato, destaca que as discussões da conferência garantem avanços nas políticas públicas de saúde. “Ali buscamos a ampliação dos serviços oferecidos no SUS e a melhoria da qualidade do atendimento”, afirma.

No último dia do encontro foram eleitos os delegados para as próximas etapas. Pelo Simesp, cinco médicos representarão o setor na Conferência Estadual, e três na Nacional. Cerca de 1.400 pessoas participaram do evento.

Visita

Regional Assis



Em visita à regional de Assis, o presidente do Simesp, Eder Gatti, e a diretoria local discutiram as consequências da crise de financiamento que tem atingido serviços públi-

cos e privados, incluindo as organizações sociais e filantrópicas. “Não importa se é capital ou interior, os problemas são os mesmos e afetam nosso trabalho”, destaca Gatti.

Médicos iniciam campanha salarial

Categoria se mobiliza em defesa de condições de trabalho e de atendimento



Os médicos do setor privado aprovaram a pauta de reivindicações da campanha salarial 2015, na noite de 6 de julho, na sede do Simesp. Eles querem 10% de aumento real, piso salarial de R\$ 13 mil e licença maternidade de seis meses. A pauta

será entregue aos sindicatos patronais (Sindhosp, Sindhclor, Sinamge, Sindhosfil-São Paulo, Sindhosfil-Vale do Paraíba e Sindhosfil-Ribeirão Preto).

Com data base em 1º de setembro, a categoria exige ainda reajuste no valor do vale refeição para R\$ 30 (dia); liberação de cinco dias (ano) para participação em congressos; empenho no combate ao assédio moral nos estabelecimentos e renovação das demais cláusulas da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) anterior.

O secretário de Imprensa do Sindicato, Gerson Salvador, considera fundamental o envolvimento dos médicos na mobilização. “Não vamos retroceder em relação às conquistas da última campanha”. Ele se refere ao fato de, em 2014, o Simesp ter acabado com a prática de fracionamento do reajuste, imposta há anos pelo Sindhosfil-SP; cujas perdas (2005-2014) chegaram a 64,55% de um salário.

José Erivalder Guimarães de Oliveira, secretário de Relações

do Trabalho do Simesp, ratifica que a campanha salarial deve ampliar os avanços obtidos até o momento. “Além desses pontos, queremos melhores condições de trabalho e de atendimento”, sinaliza.

Além do setor privado, estão contemplados na negociação médicos que trabalham para o Sistema Único de Saúde (SUS), por meio de organizações sociais (OSs) em UBS, Saúde da Família, AMA, AME, UPA, PS, hospitais, ambulatórios e Santas Casas.

Lençóis Paulista

Categoria suspende greve após acordo

Médicos plantonistas da Associação Beneficente Hospital Nossa Senhora da Piedade, da cidade de Lençóis Paulista, interior do estado de São Paulo – único hospital de atendimento ao Sistema Único de Saúde (SUS) do município – paralisaram as atividades durante al-

gumas horas do dia 1º de julho. Eles estavam sem receber os vencimentos, de forma integral, há pelo menos dois meses. Segundo os profissionais do serviço, em abril foi pago apenas 30% do valor devido. A falta de contrato de trabalho também motivou a greve.

Após reunião com a administração eles retomaram as atividades. A direção propôs fazer acordo com a categoria e se comprometeu a pagar 50% dos atrasados no dia 2, e o restante no dia 10 de julho. A gestão também garantiu que o pagamento referente ao salário do mês de

junho seria realizado na última semana de julho.

O hospital se comprometeu ainda negociar com a prefeitura a manutenção de repasses que garantam os salários e a regularização dos vínculos empregatícios. Os médicos criaram uma comissão de negociação.

Saúde Paulistana

Simesp defende abertura de concurso

O Sindicato dos Médicos de São Paulo (Simesp) defendeu a ampliação do número de médicos de Família e Comunidade e o fortalecimento da atenção primária como forma de otimizar o sistema de saúde local durante reunião com o secretário de Saúde do município, José de Filippi Júnior.

“Defendemos a abertura de concurso público para o médico de Família e Comunidade, reconhecendo-o como especialida-

de”, disse Gerson Salvador, secretário de Imprensa do Simesp, que participou da reunião juntamente com Eder Gatti, presidente da entidade.

No encontro, realizado no dia 26 de junho, a Prefeitura de São Paulo informou que avalia possibilidade de um concurso público para médicos e de aumentar em 10% o número de equipes da Estratégia Saúde da Família. O concurso, segundo José de Filippi Júnior, é para



> Prefeitura avalia aumentar equipes da Estratégia Saúde da Família

suprir a rede de saúde do município no campo das especialidades básicas.

Os representantes do Simesp ainda falaram sobre os transtornos que os novos contratos de gestão têm causado na rede de saúde, com a demissão e o

remanejamento de médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde. O Sindicato também defendeu a necessidade de se padronizar a política de recursos humanos nas organizações sociais com um plano de cargos e salários unificados.

Ação humanitária

“Sei que não é fácil, mas esse é realmente o rumo da minha carreira”, diz a médica Laura Azevedo

Nádia Machado



> Crianças do Nepal, a vida depois dos terremotos

Após a notícia de que o Nepal havia sido atingido por um terremoto, em 25 de abril, cinco médicos brasileiros se uniram e partiram para o país no intuito de ajudar os feridos. No grupo estava a infectologista Laura Azevedo.

A médica tinha acabado de chegar de uma expedição dos Voluntários do Sertão (ONG que atua no semiárido baiano), quando recebeu a ligação do amigo e médico, Luiz Perez, para ajudá-lo no Nepal, justamente por sua experiência em trabalhar com situações adversas.

Ela conta que se surpreendeu com a velocidade da organização do grupo. “O Luiz me ligou no sábado (25) e pediu nas redes sociais colaboração para conseguirmos mais voluntários e insumos. Na segunda (27), recebemos doações de amigos europeus e de hospitais. No dia seguinte, éramos cinco médicos prontos para partir”, conta.

No país asiático, o grupo foi enviado para um vilarejo rural,

com pelo menos mil famílias, onde 90% das casas estavam destruídas. “Algumas residências ficavam a pelo menos dois dias de caminhada montanha adentro”, ressalta.

Com a ajuda de alpinistas australianos, os voluntários chegaram até a comunidade. “Fazíamos atendimento de clínica médica, cuidávamos de feridas e algumas fraturas. Para os casos mais graves, chamávamos a ambulância”.

Após o segundo abalo (12 de maio), o grupo, já no Brasil, lançou, por meio de um site, uma campanha para levantar fundos. Arrecadaram pouco mais de 51 mil reais, enviados para ajudar na reconstrução do país.

Laura conta que suas experiências com trabalhos humanitários a fez perceber a necessidade de se construir algo concreto, que estabeleça assistência às famílias que vivem nas regiões de difícil acesso. “Sei que não é fácil, mas esse é realmente o rumo da minha carreira”.

Jurídico Responde

Fórmula 85/95: para fugir do fator previdenciário

O que é a fórmula 85/95?

É uma alternativa para afastar do cálculo da aposentadoria o fator previdenciário. A nova forma de cálculo, que está em vigor desde 18 de junho de 2015, pode ser solicitada pelo segurado que atingir o prazo necessário para aposentadoria por tempo de contribuição (30 anos, se mulher, e 35 anos, se homem); caso a soma de sua idade e tempo de contribuição totalize, no mínimo, 85 pontos no caso da mulher e 95 pontos para o homem.

Contudo, essa fórmula só será válida até 31 de dezembro de 2016. Depois disso, passa a ser acrescido um ponto ao cálculo no dia 1º de janeiro dos seguintes anos: 2017, 2019, 2020, 2021 e 2022. Por exemplo: a partir de 2017, a soma do tempo de contribuição e idade no momento do pedido da aposentadoria, terá que ser igual ou superior a 86 pontos para a mulher e 96 pontos para o homem. Em 2019, igual ou superior a 87 pontos para a mulher e 97 para o homem, e assim sucessivamente.

A mudança acaba com o fator previdenciário?

Não. O fator continua existindo. Porém, vale lembrar que ele só incide (obrigatoriamente) no caso das aposentadorias por tempo de contribuição. Nunca se aplica para aposentadoria especial e aposentadoria especial para pessoas portadoras de deficiência.

No caso das aposentadorias por idade, o fator previdenciário só é aplicado caso venha a provocar impactos positivos no cálculo da renda mensal inicial. Ou seja: se for vantajoso para o segurado, aumentando o valor da média dos salários de contribuição utilizados para apuração do valor do benefício.



Célio Luigi

Leia em nosso portal a íntegra do artigo de Venício Di Gregorio, advogado do Simesp. <http://goo.gl/hIOivo>

> O que você gostaria de ler na próxima edição? Mande suas sugestões: imprensa@simesp.org.br <

“A família é um núcleo de cuidado acima de tudo”

A Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC) é contra a ideia de núcleo familiar formado apenas a partir da união entre homem e mulher. O que está previsto no Projeto de Lei 6.583, que cria o Estatuto da Família. Rodrigo Bandeira de Lima, diretor de Comunicação da SBMFC, explica o porquê disso

Leonardo Gomes Nogueira

Como a SBMFC avalia esse conceito de família proposto pelo PL 6.583?

Nós somos médicos de família. E o que a gente observa na prática é que existem vários arranjos familiares possíveis. E que esses arranjos podem promover saúde e qualidade de vida. O posicionamento de alguns deputados em defesa desse conceito retrógrado de família, só com homem e mulher, é uma coisa muita mais fundamentada em preceitos religiosos do que próximo de uma situação que seja real e cotidiana. A família é um núcleo de cuidado acima de tudo. E a gente acredita que não cabe a ninguém fazer qualquer tipo de restrição em cima disso.

Caso venha a ser aprovado, você acredita que isso possa ter um impacto no cotidiano do médico de família?

Por conta da característica da própria sociedade brasileira, o médico de família acaba sendo o consultório médico mais próximo, especialmente das pessoas que vivem em algum grau de exclusão social. A visão que a gente tem dessa tentativa de alguns parlamentares de aprovar esse projeto, é uma visão que acima de tudo nega direitos humanos.

Essa negação afeta a saúde?

A gente entende que negar direitos humanos mexe com a saúde da pessoa de forma, às vezes, irreversível. É muito difícil promover a saúde de uma



Divulgação

pessoa que não tem reconhecido pela sociedade o direito de se unir com quem ela quiser.

“É uma visão que nega direitos humanos”

Isso pode aumentar a exclusão de parcelas da população?

Isso tem impactos que vão além da questão da saúde. Eu tenho um paciente que é transexual e ele tem um filho. E é um filho que ele teve antes de assumir a condição de transexual, ou seja, quando ele ainda era do gênero masculino, e a mãe dessa criança o abandonou. Hoje ele vive com outra pessoa, com um ho-

mem homossexual. Então eles formam um casal. E eles criam essa criança. Se o país aprova essa medida proposta pelo Estatuto da Família, essa possibilidade de união pode ser negada. E aí você imagina, por exemplo, se um desses dois vem a falecer. Há questões de herança, de pensão que podem ser importantíssimas e até essenciais à vida dessa criança, e elas são perdidas porque algum deputado, por conta de convicções religiosas, nega esse direito. Por que a gente se posiciona assim? Na verdade a gente tem que perguntar a eles. Por que é que eles optam por negar esses direitos a essas pessoas?

Clipping



Simesp na imprensa

“Colegas pedem demissão por causa das condições ruins de trabalho no HU-USP... Diminuiu a capacidade de atendimento e de resolução de casos”

O Estado de S. Paulo
Gerson Salvador, diretor do Simesp, sobre fechamento de 20% dos leitos da unidade (22/06/2015)

“As propostas de aporte financeiro dos governos federal e estadual serão suficientes apenas para um mês, o que não sanaria os muitos problemas enfrentados pelo hospital”

Diário de S. Paulo
Otelo Chino Júnior, diretor do Simesp, sobre a crise do Hospital São Paulo (22/06/2015)

“Não é uma paralisação de cunho trabalhista. A situação é completamente diferente, eles pararam de trabalhar reivindicando melhorias”

Agora São Paulo
Eder Gatti, presidente do Simesp, sobre greve dos residentes do Hospital São Paulo (01/05/2015)

Experimentando a arte

Fotos: Joana França



> Público interage e mergulha no mundo criativo de artistas contemporâneos

Vamos fazer arte? A exposição “A experiência da arte”, em cartaz no Sesc Santo André, traz um novo conceito, no qual o espectador pode produzir sua própria arte. A proposta é aproximar as pessoas das obras. Nada de somente apreciar a distância: nessas instalações o visitante é convidado a interagir, mergulhar, ouvir, tatear e até mesmo desenvolver suas próprias peças.

A exposição está dividida em oito espaços, com instala-

ções em ambientes internos e externos, que fazem o visitante imergir na arte. É possível brincar dentro das obras ou até mesmo mostrar talento expondo seus desenhos, por exemplo. “Uma exposição de arte é um lugar para experimentar objetos que funcionam de forma totalmente diferente daqueles do mundo cotidiano”, diz Evandro Salles, curador da mostra.

As instalações reúnem obras dos artistas contemporâneos Vik Muniz, Cildo Meireles, Eduardo

Coimbra, Eleonora Fabião, Ernesto Neto, Waltercio Caldas e Wladimir Dias-Pino. Essa é a primeira vez da exposição no estado de São Paulo - a primeira edição foi realizada em Brasília, no ano passado.

Serviço

De terça a sexta, das 10h30 às 21h30. Sábados e domingos, das 10h30 às 18h30. Até 25 de outubro. Entrada gratuita. Sesc Santo André (rua Tamarutaca, 302, Vila Guiomar, Santo André).

+ Mais cultura

Histórias da loucura

A mostra “Histórias da loucura: desenhos do Juquery” traz uma coleção com 100 obras de artistas nada convencionais. Os pintores eram pacientes do Hospital Psiquiátrico do Juquery. A coleção pertencia ao dr. Osório César, fundador e diretor da Escola Livre de Artes Plásticas, que faleceu em 1979, cinco anos depois de doar as peças ao Masp.

Serviço

De terça a domingo, das 10h às 18h. Quintas até às 20h. Até 11 de outubro. Inteira R\$ 25, meia R\$ 12. Entrada franca às terças (o dia todo) e às quintas (a partir das 17h). Masp (avenida Paulista, 1578, São Paulo-SP).

Kandinsky

Mais de 150 obras e objetos do artista russo Wassily Kandinsky (1866-1944), criador do abstracionismo, estão em exposição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). A mostra “Kandinsky: tudo começa num ponto” apresenta a trajetória e as ideias do pintor. Segundo os organizadores, quase 900 mil pessoas visitaram a exposição, que já passou por Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Serviço

De quarta à segunda, das 9h às 21h. Até 28 de setembro. Entrada gratuita. CCBB (rua Álvares Penteado, 112, Centro, São Paulo).

Tirinha - Marcio Baraldi



www.marciobaraldi.com.br